

**A transmissão da  
psicanálise no Instituto:  
a experiência do CLIN-a**

Maria do Carmo Dias Batista  
Rômulo Ferreira da Silva  
**(Orgs.)**

**Comissão de Publicação**

Ana Maria de A. Guerra Mendy  
Antonio Alberto Peixoto de Almeida (Coordenador)  
Gabriela Malvezzi do Amaral  
Iris Tiemi Tiba  
Janaina de Paula Costa Veríssimo  
Mirmila Musse





# **A transmissão da psicanálise no Instituto: a experiência do CLIN-a**

Maria do Carmo Dias Batista  
Rômulo Ferreira da Silva  
**(Orgs.)**

## **Comissão de Publicação**

Ana Maria de A. Guerra Mendy  
Antonio Alberto Peixoto de Almeida (Coordenador)  
Gabriela Malvezzi do Amaral  
Iris Tiemi Tiba  
Janaina de Paula Costa Veríssimo  
Mirmila Musse

© Relicário Edições

© Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

T772

A transmissão da psicanálise no Instituto: a experiência do CLIN-a /  
organizado por Maria do Carmo Dias Batista, Rômulo Ferreira da  
Silva. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.

252 p. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-5090-001-4

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. 3. Prática psicanalítica. I. Batista,  
Maria do Carmo Dias. II. Silva, Rômulo Ferreira da. III. Título.

CDD 150.195

CDU 159.964.2

2019-1824

#### CONSELHO DIRETOR | CLIN-a

Diretor-Presidente: Cynthia Nunes de Freitas Farias

Diretora-Tesoureira: Jovita Carneiro de Lima

Diretora-Secretária: André Antunes da Costa

#### CONSELHO TÉCNICO

Alessandra Sartorello Pecego

Angelina Harari

Cássia Maria Rumenos Guardado

Cynthia Nunes de Freitas Farias

Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles

Luiz Fernando C. da Cunha (Presidente)

Maria Cecília Galletti Ferretti

Maria Josefina Sota Fuentes

Mônica Bueno de Camargo

Patricia Badari

Rômulo Ferreira da Silva

Valéria Ferranti

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Kátia Regina Silva

CAPA Caroline Gischewski

REVISÃO Silvia P. Barbosa - Letras e Normas

#### RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

<b>9</b>	<b>Nota introdutória</b> <i>Ana Maria de A. Guerra Mendy; Antonio Alberto Peixoto de Almeida; Gabriela Malvezzi do Amaral; Iris Tiemi Tiba; Janaina de Paula Costa Veríssimo; Mirmila Musse</i>
<b>11</b>	<b>Prefácio</b> <i>Angelina Harari</i>
<b>15</b>	<b>Perspectivas da Clínica do CLIN-a</b> <i>Rômulo Ferreira da Silva</i>
	<b>1. Psicanálise, ensino e transmissão</b>
<b>29</b>	<b>Psicanálise e Universidade (1919)</b> <i>Sigmund Freud</i>
<b>43</b>	<b>Relato sobre a Policlínica Psicanalítica de Berlim (1922)</b> <i>Max Eitingon com prefácio de Sigmund Freud</i>
<b>73</b>	<b>Se há Escola, por que Instituto?</b> <i>Luiz Fernando Carrijo da Cunha</i>
<b>80</b>	<b>“...uma vez que ensino há.”</b> <i>Maria Cecília Galletti Ferretti</i>
<b>85</b>	<b>A transmissão da psicanálise: notas sobre a interface entre a Clínica e o Ensino no Instituto</b> <i>Maria do Carmo Dias Batista</i>
	<b>2. A Clínica do CLIN-a</b>
<b>99</b>	<b>CLIN-a: O percurso de um Instituto e a proposta de uma Clínica</b> <i>Ana Maria de A. Guerra Mendy; Antonio Alberto Peixoto de Almeida; Gabriela Malvezzi do Amaral; Iris Tiemi Tiba; Janaina de Paula Costa Veríssimo; Maria Lourenço dos Santos Crespilho; Mirmila Musse</i>

### **3. O Particular de uma Clínica**

#### **3.1. Primeira entrevista**

**119** **A primeira entrevista**  
*Paula Catunda*

**123** **Dimensões clínicas de um encaminhamento**  
*Luciana Ernanny Legey*

#### **3.2. Gratuidade**

**129** **O tratamento gratuito e os seus impasses: da proposta de Freud à experiência do CLIN-a**  
*Antonio Alberto Peixoto de Almeida*

**135** **Uma casa menor custa caro**  
*Ana Maria de A. Guerra Mendy*

#### **3.3. Tempo limitado**

**140** **Tempo lógico, duração limitada**  
*Gustavo Oliveira Menezes*

**147** **Tempo limitado e direito ao sintoma**  
*Gabriela Malvezzi do Amaral*

#### **3.4 Supervisão**

**154** **Efeitos na formação analítica: de qual sujeito se trata em supervisão?**  
*Eliana Machado Figueiredo e Rosangela Aparecida dos Santos*

**163** **Efeitos de supervisão: equívocos, rinocerontes e entusiasmo**  
*Janaina de Paula Costa Veríssimo*

### **4. Seção vapt-vupt**

**171** **Seminário Clínico: um espaço de desejo**  
*Aline E. M. Oliveira*

**172** **A prática analítica e suas consequências**  
*Aparecida Santa Clara Berlitz*

**173** **Na condição de participante, o que o Seminário Clínico me traz**  
*Eliane Pfeferman Erdman*

**174** **Uma conversa entrevistados**  
*Heloisa S. Teixeira*

**175** **Para além da Instituição**  
*Iris Tiemi Tiba*

**176** **Um breve relato de uma não tão breve experiência**  
*Lilian Beiguelman*

**177** **A posição de coordenador no pequeno grupo**  
*Mirmila Musse*

**178** **O que o pequeno grupo provoca?**  
*Sabrina Pontes Sudano*

**179** **A experiência do inconsciente**  
*Silvia Jacobo*

## **5. Uma Conversação e seus efeitos**

### **5.1. O que se escreveu...**

**183** **Uma clínica “entre vários”: o que nos resta desse conceito?**  
*Cynthia Gonçalves Gindro; Eliana Machado Figueiredo; Janaina de Paula Costa Veríssimo; Mirmila Musse; Paula Catunda; Tissiane Gushiken da Silva*

**189** **Breve reflexão sobre a construção e apresentação de casos clínicos**  
*Aparecida Santa Clara Berlitz; Luciana Ernanny Legey; Marinalva Souza Santos*

**193** **Transferência de trabalho e transmissão do ensino: da Escola ao Seminário Clínico no CLIN-a**  
*Gustavo Oliveira Menezes; Maria Veridiana S. Paes de Barros; Silvia Jacobo*

**199** **A experiência como uma prática entre nós**  
*Camila Popadiuk; Eliana Machado Figueiredo; Fernanda Cristina Gomes de Carvalho; Heloisa S. Teixeira; Rosangela Aparecida dos Santos*

**203** **5.2. Conversação do Seminário Clínico do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a)**  
*Convidada: Simone Souto*

**249** **Um vapt-vupt para concluir**  
*Valéria Ferranti*





# Nota introdutória

*Ana Maria de A. Guerra Mendy*

*Antonio Alberto Peixoto de Almeida (Coordenador)*

*Gabriela Malvezzi do Amaral*

*Iris Tiemi Tiba*

*Janaina de Paula Costa Veríssimo*

*Mirmila Musse*

Este livro reúne parte do material produzido pelos integrantes do Seminário Clínico do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a) nas atividades do biênio 2017/2018, além de traduções e textos inéditos.

O CLIN-a possui relação intrínseca com a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e, por conseguinte, com a Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Coube à comissão responsável pela publicação recolher cuidadosamente as letras que nos foram enviadas e fazer delas um livro.

O texto de Freud, não encontrado no original em alemão, foi traduzido diretamente do húngaro. Esse texto, dentre muitas orientações a respeito da formação do analista, apresenta a primeira vez em que Freud utilizou o termo supervisão. Os demais textos que o acompanham oferecem um panorama do ensino da psicanálise à época e que interessa à prática de formação do analista hoje.

O Relatório do Instituto de Berlim, de Max Eitingon, brinda-nos com a experiência detalhada desse instituto, tão caro a Freud. E demonstra a seriedade com a qual devemos enfrentar a formação dos jovens analistas.

Agradecemos à coordenação do Seminário Clínico – Maria do Carmo Dias Batista, Maria Lourenço dos Santos Crespilho e Rômulo Ferreira

da Silva – por terem nos confiado essa tarefa e acompanhado de forma tão próxima o andamento do trabalho.

Aos colegas, por terem contribuído com seus textos, sugestões e, sobretudo, com os testemunhos dos efeitos de formação que reverberam no encontro com a *práxis* psicanalítica no Instituto.

Aos associados do CLIN-a, responsáveis pela aposta inicial na prática entrevistários, que deu início à experiência clínica, tão viva e rica, que marca o percurso deste Instituto e solidifica sua interface com o Outro social.

Por fim, o nosso agradecimento ao corpo docente, aos Conselhos Diretor, Técnico e Fiscal do CLIN-a, pela aposta no trabalho que resulta na viabilização desta publicação.

Conforme nos ensinou Lacan, “uma carta sempre chega a seu destino”<sup>1</sup>.

Boa leitura a todos,  
Comissão de Publicação.

1. LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 45.

# Prefácio

Angelina Harari

Para escrever o prefácio deste livro, levarei em conta, à guisa de ilustração, uma aula proferida no Ciclo III do Curso fundamental do CLIN-a, abordando um aspecto da prática lacaniana: as entrevistas preliminares.

A importância das entrevistas preliminares foi ressaltada no ensino oral de Lacan, em 1971, ao afirmar “(...) não há entrada possível na psicanálise sem entrevistas preliminares [EP]”.<sup>1</sup>

Em nenhum momento as EP foram postuladas por ele de forma convencional, tipo fazer uma avaliação, emitir um parecer. Nada de preocupações técnicas ou mesmo uma invocação à prudência terapêutica. Lacan remete-nos à estrutura do dispositivo analítico, no surgimento de uma demanda que seja uma demanda de análise, pois esta nunca é inaugural, ainda quando pretenda sê-lo, a intitulada “demanda de se tornar analista”. A queixa leva-nos ao horizonte das terapias. Marie-Hélène Brousse (1989, p. 69) distingue a queixa da demanda postulando uma antinomia que se poderia enunciar assim: “Alivie-me, mas sobretudo não toque em nada, não toque em meu ser de sujeito, isto é, em minha fantasia”.<sup>2</sup>

Em “Clínica sob transferência [CST]”<sup>3</sup>, Jacques-Alain Miller tira consequências ao criar esse colofão, CST, para ser colocado sob qualquer

1. LACAN, J. *O saber do psicanalista*, 1971. Seminário inédito.

2. BROUSSE, M.-H. O destino do sintoma. In: *Clínica Lacaniana. Casos clínicos do campo freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 69.

3. MILLER, J.-A. C.S.T. In: *Clínica Lacaniana. Casos clínicos do campo freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, pp. 9-13. (Trabalho original publicado em 1982).

ensaio de clínica psicanalítica; nesse artigo ele afirma que “(...) a clínica aparece para o analista como antiética ao discurso, pois admite que o saber se destaca do lugar que lhe compete na experiência: explicitar o saber é deixar de o supor”.<sup>4</sup> A clínica psicanalítica somente pode ser o saber da transferência, quer dizer, o saber suposto tornado transmissível, por outras vias e com outros efeitos que não os da experiência da qual ele se forma. Confirmando sua preocupação com a transmissibilidade do saber suposto, segue até hoje quando nos convoca a bem dizer a análise do *parlêtre*: o *parlêtre* não o analisamos, trata-se de dizê-lo. Nesse texto, ainda, nos convoca a delimitar no plano clínico, os inícios, com tanta precisão quanto a da travessia da fantasia como término da análise. A concepção do término da análise mudou de lá para cá, mas há algo que permanece: em todos os casos onde há entrada, há um encontro com o real. Toda entrada em análise indica, segundo ele, um golpe desferido na segurança que o sujeito encontra na fantasia, definida como a “(...) matriz de toda significação à qual ele tem acesso normal”.<sup>5</sup> Aqui ele remete ao advento do sujeito do inconsciente, à própria instituição do sujeito suposto saber, logo cobre o que ele atesta de destituição subjetiva. Nesse sentido nada de travessia da fantasia no passe do analisando como passe inaugural. Mesmo que se revele no *après-coup* do término de uma análise que a entrada se prendia a um golpe desferido na fantasia, “como o analista poderia sabê-lo se a fantasia por axioma só emerge de uma construção em análise?”.<sup>6</sup> Com isso gostaria de assinalar como J.-A. Miller faz a transmissão dele, radicaliza para provocar, para em seguida argumentar mostrando que a comparação entre entrada e passe ou entre demanda ao analista e ato analítico, provam que “(...) a iniciativa tem para o sujeito valor de ato”.<sup>7</sup> O ato na entrada está, igualmente, do lado do praticante que autoriza a experiência ou não, ao analisando que aí se engaja.

4. Idem, ibidem, p. 9.

5. Idem, ibidem, p. 10.

6. Idem, ibidem, p. 12.

7. Idem, ibidem, p. 11.

A demanda, por pouco que esteja fundamentada na prática analítica, deve ser situada como consequência de uma transferência encetada antes: no começo da psicanálise está a transferência, não a demanda de análise. Aqui se trata da *Proposição de 1967*.<sup>8</sup> Nesse texto, CST, J.-A. Miller introduz a entrada pelo sintoma, a colocação em forma do sintoma, ou, como Lacan propõe em Kant com Sade<sup>9</sup>, a “ordenação subjetiva”. O sintoma requer a implantação do significante da transferência. E então fala dos três tempos da sequência da entrada: o sintoma se identifica com a realidade cotidiana, a emergência do sintoma como solução de continuidade (*a posteriori* a incidência da relação com o objeto *a*, dando ao sintoma status de real) e a demanda ao analista suportada pelo sintoma.

O sintoma analítico se constitui pela formulação do sintoma, momento em que o analista se acopla ao sintoma, complementando-o. Trata-se historicização do sujeito, constituindo sua abertura ao Outro.

Outro exemplo do modo pouco convencional das EP está na descrição desse início como “um encontro de corpos”. O preliminar não quer dizer prévio, as entrevistas preliminares assim destronam o lugar da entrevista prévia, lugar onde se pretendia definir o futuro analisando, postular contraindicações à análise, etc.

Há confrontação de corpos e o preliminar deve ser entendido como limiar, um limiar a ser transposto e fazendo parte da direção do tratamento. É nessa medida que passam a fazer parte do que Lacan denominou como “A Entrada em Análise”.

Vejamos como ele cita o encontro de corpos no *Seminário 19*:

Quando alguém me procura no consultório pela primeira vez eu escando nossa entrada na história com algumas entrevistas preliminares, o importante é a confrontação de corpos. É justamente por isso, a partir desse

8. LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp. 249-264 (Trabalho original publicado em 1967).

9. LACAN, J. Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp. 776-803 (Trabalho original publicado em 1966).

encontro de corpos, que este não entra mais em questão, a partir do momento em que entramos no discurso analítico.<sup>10</sup>

O primeiro advento do sujeito, a constituição do sintoma analítico, a retificação subjetiva, o significante da transferência, são condições para se dizer que o limiar foi transposto e que se deu na experiência a entrada no discurso analítico. Nesse limiar se produz o sujeito do inconsciente.

“A lição a ser extraída disso é que o importante é, como se diz, continuar, na psicanálise, centrados no real”<sup>11</sup>, J.-A. Miller afirma em seu curso de “orientação lacaniana”. O privilégio que a psicanálise tem em se centrar no real, pode ser verificada na prática.<sup>12</sup>

O propósito, a meu ver, desta coletânea, é expor a modalidade de tratamentos breves, com tempo limitado, praticados no CLIN-a, sempre fiéis aos princípios da psicanálise na orientação lacaniana.

E para concluir, remeto os leitores a uma referência de J. Lacan (1964/1985, p. 121) do Seminário 11<sup>13</sup> que, por sua vez, nos leva aos preliminares da experiência analítica:

A presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente (...). Vocês têm aí acesso rápido à formulação, que coloquei em primeiro plano, de um movimento do sujeito que só se abre para tornar a se fechar, numa certa pulsação temporal.

10. LACAN, J. *O saber do psicanalista*, 1971. Seminário inédito.

11. MILLER, J.-A. (1996-1997). Lição de 20 de novembro de 1996. In: *El Otro que no existe y sus comités de ética. Seminario en colaboración con Éric Laurent*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 13.

12. MILLER, J.-A. Vers le réel. In: *Comment s'orienter dans la clinique*. Paris: Le Champ freudienne, 2018. p. 14.

13. LACAN, J. (1964). *O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 121.